

F E L I P E C O L B E R T

Para Continuar





CAPÍTULO 1

Cinco minutos antes de chegar ao meu destino, continuo hipnotizado pela garota que está sentada do lado oposto do vagão, de frente para mim. Tenho sorte de pegar o metrô da cidade de São Paulo nesse horário, quando as composições já receberam e expulsaram um mundaréu de gente, por isso, não há nada que impeça a minha visão de ser clara: é uma jovem de aparência oriental, com cabelos negros e longos, magra e que veste roupas comuns. Estou certo de que é descendente de japoneses, embora os olhos sejam menos puxados do que o normal. Nunca tive dificuldade para diferenciar os povos asiáticos, ainda que minha família esteja longe de ter qualquer ascendência do lado direito do Meridiano de Greenwich. Para mim, parece fácil identificá-los, mas não importa. Nesse instante, sinto que aqui está a razão pela qual eu finalmente declararia guerra à minha vida tediosa e limitada. E, como se correspondido, a garota me encara por um ínfimo de segundo e abaixa a cabeça quase tão rápido quanto o giro completo das rodas do vagão em que estamos. Sem dúvida, ela é tímida. E eu, bastante irresistível.

Certo, a segunda parte é mentira. Embora eu tenha acabado de completar vinte anos de idade, ando como um adolescente, com um cabelo nada curto e despenteado, camiseta de malha, calça jeans rasgada, tênis descolado e tenho uma tatuagem tribal no braço. Aliás, confesso, sou tão tímido quanto ela, mas o meu cérebro reage de forma inesperada e o gesto da garota me dá uma dose de oxigênio extra

para que eu levante do banco e caminhe até próximo de onde ela está sentada. Não me sento para não ser invasivo; apenas a observo pelo reflexo no vidro, jogo minha mochila velha no ombro direito e encosto a mão na porta, ignorando o aviso que diz para evitar. Depois de um tempo, viro o rosto para o lado e penso que vou me deparar de novo com os olhos orientais, mas ela continua com a cabeça baixa, seus cabelos extremamente lisos e que escorrem pelos ombros magros.

O metrô desacelera num tranco. Num reflexo, seguro no ferro de apoio para não passar a vergonha de cair estatelado. Não é o tipo de atenção que desejo chamar. Aliás, se eu fosse mesmo irresistível, nem precisaria disso. Então, antes que o trem pare, desobstruo a porta para que as pessoas atravessem e me parece uma boa desculpa para finalmente me sentar ao lado dela.

Quando me acomodo, observo-a de esguelha. A garota tem a pele tão clara quanto a minha, como posso notar agora, pela incidência da luz do teto do vagão sobre nós dois. Imagino milhares de motivos para tentar um contato, mas tudo que penso em dizer parece forçado demais. Estou nervoso, não consigo me ajeitar no banco e tenho certeza de que ela está notando o embate dentro do meu corpo. Aliás, tão explícito que qualquer um notaria.

A porta se fecha e o trem volta a se mover. Deixo escapular a melhor palavra criada pelo ser humano em todos os tempos:

— Olá.

Me parece melhor do que um “oi”, afinal, possui uma letra a mais, porém não surte efeito, pois ela continua a me ignorar. Então escuto um ruído baixinho, muito leve, e noto que ela está usando fones de ouvidos, quase imperceptíveis, por baixo das mechas de cabelo. Gostaria de identificar a música (talvez *esse* fosse um bom motivo para iniciarmos uma conversa), mas é impossível.

Antes de me dar conta do que estou fazendo, toco de leve no braço dela.

Os olhos-de-personagem-mangá voltam a me observar.

— Desculpa... o que está ouvindo?

Eu gesticulo como se ela fosse surda. Patético, porque minha pergunta é justamente sobre o contrário. Ela não sorri. Abaixa a cabeça outra vez, mas vejo seus olhos escapulirem para a mochila desbotada que está agora em meu colo. Não me recordo o dia exato, mas Malu, minha ex-namorada, fez uma marcação à caneta no tecido emborrachado, com meu nome abreviado em letras garrafais, “LÉO”, dentro de um enorme coração. E eu me toco, pela enésima vez, que deveria ter comprado uma mochila nova há muito tempo.

O sistema de som anuncia a estação Liberdade, e a garota ao meu lado se mexe. Parece que não terei muito tempo.

Pense, pense, pense.

Vem a surpresa. Ela pega um dos fones de ouvidos e encaixa com delicadeza na minha orelha esquerda. Seus dedos tocam minha pele, e eu arrepio como um gato encurralado num beco, enquanto minha mente dá uma cambalhota. Ouço uma música oriental, com palavras indecifráveis, mas que tem um som melodioso, bastante calmo e tranquilo, diferente do ritmo acelerado que assistimos em karaokês ou boates japonesas nos filmes. Não compreendo nada, mas durante alguns segundos permaneço anestesiado pela música, inserido em um nirvana que faz com que eu me esqueça de todos os problemas que envolvem minha vida, e eles são muitos. Depois, sou despertado pela mesma mão de antes, que retira o fone tão suavemente quanto o colocou e retorna para debaixo das mechas negras e compridas.

O trem para. Ela se levanta e atravessa a porta, apressada.

Não sei definir direito o que acontece em seguida. Talvez eu devesse ir atrás da garota, mas minhas pernas continuam presas em algum lugar no tempo em que passamos lado a lado, tornando tudo que está acima delas incapaz de agir. E quando eu as recebo de volta, já é tarde. As portas se fecham e eu vejo a garota de origem japonesa ir embora, sem que eu saiba sequer seu nome ou tenha escutado sua voz.



— Ainda não obtivemos o resultado esperado.

Esse é o tipo de frase aceitável se dita por muitos tipos de profissionais, mas quando seu médico cardiologista fala depois de avaliar e recolocar os resultados dos seus exames dentro do envelope... bem, não é o desespero que preenche o ar do consultório. É o meu desânimo.

Sei precisamente o que eu tenho. A minha doença possui o nome desconjuntado de *cardiomiopatia dilatada idiopática*, uma insuficiência no músculo cardíaco para bombear o sangue de forma natural. A palavra idiopática significa que a causa é desconhecida, e isso não é tão incomum quanto eu imaginava. Por questão da doença, não posso fazer qualquer tipo de esporte, luta marcial, levantar peso, dançar por muito tempo, correr atrás de um cachorro ou até mesmo tomar um susto muito grande. Se for a um parque de diversões, tenho que agir como um garotinho sem altura para entrar na maioria dos brinquedos. Não é uma informação garantida, mas imagino que vivo sob risco de morte a qualquer momento. No meu caso, nunca sofri um coágulo sanguíneo, o que poderia obstruir uma artéria e causar um derrame cerebral — e isso me faz pensar que essa foi a única sorte que tive. Essa manifestação dentro do meu peito começou na adolescência. O mais engraçado é que, até sentir o primeiro sintoma da doença, eu me achava completamente normal. Agora, sou um mutante de histórias em quadrinhos, cuja vida se transformou por um acaso do destino — mas sem ganhar nenhum poder específico. Chega uma hora que pensar nisso tudo cansa, e você quer desistir, mas continua a transparecer ironia. Aí, você expõe:

— Ok, foi um prazer conhecê-los!

Meu pai, Nelson (tenho certeza que meus pais têm os nomes ideais para as profissões deles), sentado à minha esquerda, ignora meu comentário.

— Qual é o próximo passo, Dr. Evandro? — pergunta com a voz oca, mas sem chegar a embargá-la. Aos cinquenta anos de idade, mantém o tamanho de um touro e demonstra a serenidade de sempre. Mas eu sei que, no fundo, além de um enorme gozador, ele é frágil que nem manteiga.

— Tudo bem — interrompo —, guardem o champanhe e as be-xigas que trouxemos para a próxima consulta. Se eu estiver vivo até lá, é claro.

— Filho, esse não é o momento — sugere minha mãe, Suzy, com tapinhas no meu joelho direito, sentada do lado oposto ao meu pai.

— E quantos momentos eu terei daqui para frente? — pergunto sem desviar os olhos do médico, ou melhor, da aliança dourada que ele usa, a maior que já vi no dedo de alguém. Além disso, tem um porta-retrato de sua família feliz e perfeita na estante atrás de sua cadeira, que me incomoda bastante sempre que venho aqui.

— Leonardo César, nós já conversamos sobre isso. Ainda é muito cedo para você ser considerado um paciente refratário ao tratamento clínico. Até o momento, sua doença está controlada — diz Dr. Evandro, mas sem convencer muito.

— Que pensamento agradável — digo.

No dia em que descobrimos o diagnóstico, eu estava na mesma cadeira, enfiado no mesmo consultório, com meu pai e minha mãe sentados um de cada lado, como agora. Nunca entendi por que o paciente sempre fica no meio, mas segui o protocolo à risca. Naquela ocasião, assim que Dr. Evandro terminou de dar a notícia, meu pai segurou firme minha mão. Eu não experimentava essa força enorme desde que eu tinha uns seis anos e ele me impediu de atravessar a rua sozinho e distraído na frente de um ônibus. Foi por um triz. Em ambas as ocasiões, lembro que minha mãe chegou a ficar com o rosto desbotado, quase de cera. Pensando bem, acho que foi muito pior com a notícia do Dr. Evandro. Para eles, é como se minha morte estivesse decretada e tivessem tempo apenas para me tirarem do consultório e me proporcionarem a última refeição. Já eu, prefiro encarar o problema a longo prazo, só que naquele dia, pelo mesmo motivo, uma ideia assombrou minha mente como um mau presságio: meu pai, contabilista (eu avisei!), se matando de trabalhar em dois turnos para comprar os remédios que me mantêm vivo e minha mãe largando o emprego de professora de ensino

fundamental (eu avisei!) para adotar a função de cuidadora do filho em tempo integral.

Bem, é óbvio que eu (ainda) não morri e nada disso aconteceu. Já sofri algumas internações, recebi medicação intravenosa em cada oportunidade, melhorei e tive alta. Tenho cartelas de remédios que necessito tomar todos os dias, mas meu pai conseguiu suportar o impacto no orçamento fazendo algumas horas extras, nada exagerado. Já a minha mãe me inspeciona ao ligar em intervalos regulares para meu celular, e eu finjo que nunca percebo. O perigo continua sendo iminente, ou seja, posso ter um piripaque sem aviso, mas tanto eles quanto eu tentamos levar nossas vidas, dentro do possível, dosadas de controles e até com alguns sorrisos nos rostos. Ao contrário do Dr. Evandro, que me olha agora com uma assistência quase transparente.

— Tentaremos outra medicação. Vamos deixar os betabloqueadores de lado. Dessa vez associarei apenas um diurético com o vasodilatador, criando sinergismo no uso combinado das duas drogas — informa meu médico, sem que eu tenha a mínima ideia do que ele está falando. Ele pega uma caneta dourada como a sua aliança e escreve garranchos numa folha, carimba, e esta se transmuta em mais uma receita. Depois estica na minha direção, mas minha mãe é mais rápida e captura o papel. — Vamos agendar nosso encontro para daqui a um mês, Leonardo César. E você já sabe...

— Nada de bebidas alcoólicas ou drogas.

— Exatamente.

— Não se preocupe, todos os meus esforços para continuar sem qualquer conexão com a sociedade continuam em vigor. Mesmo assim, obrigado.

Mesmo mal-humorado, eu sorrio com simpatia. De verdade, porque exceto pela fotografia com os filhos lindos e perfeitos dele, eu não tenho nada contra o Dr. Evandro, e sim contra a falha assimétrica do ventrículo esquerdo dentro do meu peito. Em poucos minutos sairemos do consultório e o assunto voltará a ser “ignorado”. Meus estudos, é claro, continuarão em ritmo normal, isso não muda. E nem

a minha vontade de ter e dirigir meu próprio carro desde que consegui minha carta de habilitação, coisa que meus pais evitam a todo custo. Com essas e outras, devo ser o cara mais bunda-mole de toda a faculdade, não só por andar com um atestado que me impede de jogar uma simples partida de futebol ou por recusar inúmeros convites para beber no barzinho, mas por ter um coração de gesso que pode se espatifar de uma hora para outra, até mesmo com o susto de uma batida no trânsito, como imaginam meus progenitores. E, também por isso, eu não me meto com ninguém.

Essa é a grande ironia da minha vida...

Meu coração faz um péssimo trabalho, e sou eu que pago o pato.



CAPÍTULO 2

No dia seguinte, assim que desço do metrô da estação Vila Mariana e chego à faculdade, evito conversar com as pessoas. Não sou um cara antipático, mas depois das últimas notícias, pretendo ficar isolado. Só que, para quem tem um melhor amigo como Penken, parece uma missão impossível. Ele é um radar ambulante que me localiza assim que coloco o pé em qualquer lugar onde estejamos. É capaz de me encontrar dentro de um estádio de futebol lotado sem ao menos me telefonar ou mandar uma mensagem por celular. Considero quase um poder, uma coisa anormal, como outros tantos que ele possui.

Ainda estou bebendo água no bebedouro quando ele chega e cutuca a minha canela com o pé direito. Eu me empertigo e nos cumprimentamos.

— Você vai continuar usando essa porra de camiseta? — indaga.

— De novo, cara? Por que te incomoda tanto?

— É ridículo.

Eu suspiro.

— Já cansei de dizer, R.E.M. é só uma banda bacana. Não tem problema nenhum o Michael Stipe ser homossexual. Aliás, acho que tenho essa camiseta desde antes de o vocalista se assumir publicamente.

— Logo se vê, tá até furada... — Ele mete o dedo em algum local na parte de trás da gola e puxa. Se não estava antes, agora está. Não me incomoda. Minha coleção de camisetas data de sete ou oito anos atrás. É uma vergonha, mais ainda porque tenho co-

ragem de defendê-las. — Pelo menos você aposentou a “Bazinga!”. Outra boioliche!

— Queria que eu viesse pra faculdade de quê? Baita calor. E só pra constar, você sabe, não sou homofóbico.

— Nem eu. Mas eu falo gay, você diz homossexual. Essa é a nossa diferença.

— Ah, na boa, Penka! Tô meio sem saco para isso...

Penken é o apelido de Gustavo. Nunca compreendi o significado real da palavra, já o conheci dessa forma. Acho que até perguntei certa vez, mas nem mesmo ele sabe a origem, só que o chamam assim desde criança. É claro que eu tive que fazer uma variação. Eu o chamo de Penka, afinal, sou seu melhor amigo e me parece mais pessoal. Cursamos o ensino médio na mesma classe e entramos juntos na faculdade, mais precisamente no Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, só que em carreiras distintas. Ele cursa Arquitetura e Urbanismo, e eu, Design Gráfico. Para completar, Penken tem uma mania terrível de meter o dedo no nariz e sair com uma surpresa de dentro dele, não importa onde estejamos. Porém, eu já me acostumei.

— E então, falou com seus pais? — pergunta ele.

— Sobre o quê?

— Eles vão ou não te financiar o carro?

— Nem em sonho. Já te disse mil vezes. Você anda meio repetitivo nas perguntas, né não?

Até que enfim ele percebe que estou meio estranho.

— Cara, o que tá rolando?

— Não é nada.

— Já entendi. Você tá na seca, né? Precisa de uma namorada nova, urgente.

— Putz, olha quem fala...

Não consigo pensar numa resposta engraadinha, porque hoje estou mesmo desanimado. O difícil mesmo é descobrir qual de nós é mais impopular. Fazemos programas sossegados, porque assim como eu, a família de Penka não anda com grana sobrando. Nenhum

de nós dois trabalha. Ele, porque é meio vagabundo. Eu, porque meus pais insistem que eu aguarde a conclusão dos meus estudos, enquanto me incluem em um protecionismo absurdo devido à minha condição física. Evito entrar em choque por causa disso, já que a maioria dos problemas lá em casa tem ligação direta com minha doença. Mas hoje em dia a falta de grana parece ser uma inconveniência para a maioria das mulheres que conhecemos. E a falta de um carro, também.

O sinal toca e me livra da conversa, porque tenho que ir para a classe. Encaixo minha mochila velha no ombro direito e digo:

— Valeu. A gente se vê!

Deixo Penken para trás e caminho até a sala de aula. Ele não se deu conta de perguntar sobre meus exames, e eu simplesmente ignorei de lembrá-lo dos meus problemas. Tirando minha família, apenas meu melhor amigo e Malu sabem das minhas complicações de saúde. Para as outras pessoas, não me parece sensato contar. É óbvio que eu não sei se minha ex-namorada já deu com a língua nos dentes. Se nossa relação não foi muito saudável durante os dois anos de namoro, imagine depois que terminamos. Estatisticamente, ciúmes é o principal causador da maioria das separações, e nós dois fazemos parte dessa contagem. Quanto aos outros, especialmente na faculdade, já me perguntaram algumas vezes sobre os remédios que eu tomo. Sempre dou uma disfarçada e minto. Não ando com as caixas (apenas as cartelas) e digo que são vitaminas para suprir uma pequena deficiência imunológica. Isso talvez justifique a cor da minha pele, quase anêmica, mas prefiro que seja assim. Se fico apavorado com a ideia de uma morte súbita, imagine o efeito que causaria nos outros... Ninguém quer que alguém morra de repente ao seu lado! E se tem uma coisa que não vai curar nenhuma doença no universo, eu e o resto da humanidade já sabemos, é o sentimento de piedade.

Sento-me sozinho em um canto da sala de aula e ligo meu tablet para fazer as anotações do professor. O fundo de tela do meu equipamento é um desenho em preto e branco do rosto de um Tigre-de-Bengala que fiz há algum tempo. Sou bom em desenhar, seja

com caneta e papel ou num tablet, e melhor ainda em copiar coisas. Essa imagem, em específico, imaginei que seria a minha próxima tatuagem, mas, com tantas despesas médicas, deixo o sonho estancado por um tempo.

Transcrever a matéria da lousa é algo que perfaço no modo automático. Enquanto assisto à primeira aula, só consigo pensar nos meus problemas. Na segunda aula, também. Na terceira, minhas reflexões já mudaram para algo, convenhamos, mais digno de interesse.

Lembro da garota que vi outro dia no metrô e sinto um desejo irresistível de voltar no tempo. Eu gostaria de ter conversado com ela, mas, por outro lado, nem é tão imperativo assim, dá até um ar de mistério. Queria pelo menos saber seu nome. É inevitável pensar na atração súbita que senti e como gostaria de ter segurado sua mão quando ela esbarrou em mim ao colocar o fone do iPod no meu ouvido. Depois, acariciado seu rosto. E, por fim, beijá-la. Eu sei, é uma piada, porque uma garota normal jamais deixaria um desconhecido fazer isso dentro do metrô, mas qual é o problema em sonhar? Deve ter sido o silêncio da sua voz somado à beleza oriental que me encantaram como eu jamais poderia prever, a ponto de me dar o direito de formular fantasias que eu me envergonharia de narrar em voz alta para qualquer um.

Quando me dou conta, já esqueci a aula e estou desenhando o rosto dela no tablet. Seus traços orientais, da forma como estão convictos na minha cabeça, são impressos na tela com tanta naturalidade que Leonardo — o outro, o da Vinci — sentiria ciúmes da minha obra.

Suspendo minha arte e olho para a tela reflexiva. Vejo que a desenhiei sorrindo com os lábios finos e úmidos. Ela olha diretamente para mim. Tenho a impressão de que vai falar comigo e, com isso, quase posso sentir minha força se esvaír. Queria ter um aplicativo que analisasse o que produzi e conseguisse localizar a pessoa, mas pelo que sei ainda não existe. Ou então poderia pegar emprestado o poder de Penken e utilizaria seu radar natural para encontrá-la.

Meu Deus, Penken está certo...

Eu preciso de uma namorada nova, urgente.



CAPÍTULO 3

Quase todos os dias, Ayako Miyake desce os degraus rangentes de madeira para se certificar de que está tudo em ordem. Não importa quanto tempo se passou, sempre que atinge os três metros abaixo do piso principal da casa e entra no porão, a impressão que ela tem é a mesma: uma visão deslumbrante. Ela olha para o teto e percebe, distribuídas em um número tão grande que fica impossível contar, as lanternas orientais. Elas se dispõem aleatoriamente, como se uma entidade magnífica (talvez um deus) houvesse passado pelo porão escuro e rabiscado seu próprio céu estrelado dentro dele. Mas Ayako sabe que, a qualquer momento, tudo pode mudar. Ao tempo em que umas se apagam, outras surgem, brilhantes e iluminadas. Cada uma delas com um significado. Cada uma delas contando uma história.

Só que a lanterna que ela tanto espera, teima em não estar lá. E ninguém que ela conheça pode dizer quando vai aparecer.

Ayako se lembra como se fosse hoje. No dia em que perdeu seus pais em um acidente, pisou pela primeira vez no porão. A manta celeste a hipnotizou de imediato. Estranhamente, não havia nenhuma fumaça, como também não há agora. E o ar que respira não é o que se esperaria de um porão abandonado e úmido. Entretanto, ela recebeu a explicação naquele mesmo dia e, desde que conheceu o significado das lanternas, era como se tivesse se formado em algo mais do que as simples objetividades da vida. Ela identificou novos símbolos, novas metáforas, que não aprendera na escola ou em qualquer outro lugar. E, desses, não se esqueceria enquanto vivesse.

“Você está vendo algo mágico, mas a magia não se limita a atos extraordinários. Ela está no nosso dia a dia. Se você for observadora, vai conhecê-la.” As palavras que ela escutou ainda ressoam em seus ouvidos.

De súbito, Ayako nota que a porta destranca. Ela se vira e enxerga a pequena silhueta no topo da escada. Alivia-se. Apesar de tomada pela penumbra, sabe muito bem de quem se trata: é o seu avô, ou melhor, ojiisan. Com sua sabedoria, foi ele quem revelou tudo para ela. E ninguém, além dos dois, deve saber o que existe ali embaixo.

— Ayako-chan — surge a voz lá de cima.

— Sim, ojiisan? — ela se comunica em hyōjungo, o dialeto comum japonês, no qual foi ensinada por ele.

— Está tudo em ordem?

— Parece que sim.

— Alguma lanterna em especial?

Ela suspira.

— Minha resposta é a mesma de sempre. Não.

Ela não pode vê-lo, mas sabe que seu avô não está sorrindo. Normalmente ele não age assim com esse assunto, e ela compreende o porquê.

— Não demore, Ayako-chan — aconselha ele, do alto da escada.
— Não demore.

— Sim, senhor.

A porta é trancada outra vez. Sem problema, pois os dois são os únicos que possuem as chaves e ela sairá daqui em breve.

Antes disso, sem conseguir se conter, Ayako suspende o braço e sente uma enorme vontade de tocar uma lanterna que está próxima à sua cabeça, mas se retrai. Apenas estende a mão próximo a ela, como se pudesse captar um pouco de sua energia. O objeto brilha de forma contínua em meio a tantos semelhantes. Ela queria ao menos uma vez deslizar seus dedos pelo papel de seda e arames, só que isso não pode ser feito. Essa lanterna, assim como todas as outras, precisa permanecer intacta. O destino delas já está definido. A Ayako resta apenas protegê-las, pois ninguém tem o direito de apagá-las ou transfigurá-las.

E ela nem quer pensar nas consequências, caso aconteça.